

## Juscelino Kubitschek de Oliveira, o médico (1902-1976)

**Carlos da Silva Lacaz**

Acabo de ler, já em 2ª edição (2000), o livro de nosso colega Fernando Araujo, da Academia Mineira de Medicina, focalizando o nome de Juscelino Kubitschek de Oliveira como médico - *medicus in aeternum*, como ele gostava de referir. Figura nosso grande presidente dentre os vinte maiores médicos mineiros do século XX, ao lado de Carlos Chagas, Baeta Vianna, Hilton Rocha, Oswaldo de Mello Campos, Ezequiel Caetano Dias e tantos outros.

Para mostrar o amor de Juscelino Kubitschek à profissão que abraçou, disse certa feita o famoso homem público, o menino pobre de Diamantina, que desviou o curso de nossa história, com perspectivas até hoje não de todo avaliadas. "Se o destino me impeliu à participação na vida pública e nas atividades políticas, devo dizer sempre, desde a juventude, me norteou e me inspirou o nobre ideal traduzido na profissão médica. Persegui-o, quando estudante, orientei-me por ele quando, após a formatura, me dirigi à Europa, a fim de especializar-me para melhor exercer a profissão que abraçara por autêntica vocação e senti-o a conduzir-me através de todas as etapas de minha vida, quer me encontrasse à cabeceira de enfermos, procurando minorar-lhes as dores, quer me dirigisse ao povo nas atividades políticas, procurando auscultar-lhe as aspirações. Hoje, como ontem, como sempre, continuo vinculado à minha profissão de médico, pela indestrutível animosidade dos ideais que todos professamos".



Juscelino diplomou-se em 1927 pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, na mesma turma de Pedro da Silva Nava, Pedro Salles e Raphael de Paula Souza (apenas vinte colegas). Este último, mais tarde, tornar-se-ia professor da Faculdade de Saúde Pública.

Sua fulgurante carreira política ofuscou a primeira fase de sua vida profissional, a qual viveu intensamente, como clínico e cirurgião (urologista). Juscelino, na velha Diamantina, onde nasceu, era o menino pobre, conhecido como Nonô, filho da professora dona Júlia, que andava descalço e não tinha onde estudar. Lutando com muita dificuldade, conseguiu o diploma tão almejado e começou a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia, com o apoio de seu

cunhado Júlio Soares, com quem aprendeu as bases da cirurgia.

Em abril de 1930, no navio francês Formose, foi para Paris e, no Hospital Cochin começou a trabalhar com o Prof. Maurice Chevassu, na época, o grande especialista em vias urinárias. No mesmo ano regressou ao Brasil. Esteve, antes na Alemanha, onde conheceu Antonio Prudente, pioneiro na Oncologia entre nós. A 18 de março de 1931 era nomeado capitão-médico do Hospital Militar da Força Policial. Em 1932 participou da Revolução Constitucionalista, lutando contra os paulistas, salvando vidas na região do Túnel (sul de Minas Gerais). Benedito Valadares indicou-o nesta época para prefeito de Belo Horizonte. Verifica-se, então, que Juscelino Kubitschek viveu in-

tensamente sua profissão, marcando presença na Medicina, na política e na sociedade. Foi o "bisturi de ouro" na Polícia Militar de Belo Horizonte. Além do Hospital Militar, nosso grande presidente trabalhou, também, na Santa Casa e no Hospital São Lucas. Sua prioridade era a Medicina, que ele colocava acima de qualquer outra atividade.

Juscelino, quando esteve exilado, em 1970, foi acometido de uma lesão maligna na próstata, sendo operado no New York Hospital. Foi também operado de apendicite aguda, a 6 de março de 1943 pelo colega Júlio Soares (seu cunhado) e José Bolivar Drummond.

A 15 de dezembro de 1983, tive o privilégio de inaugurar, no Museu de História da Faculdade de Medicina, uma sépia de Juscelino Kubitschek, de autoria de meu assistente Edward Porto, falando na ocasião o acadêmico Francisco de Assis Barbosa (1914-1991), membro da Academia Brasileira de Letras, biógrafo do homenageado. Estávamos reverenciando a memória de um grande médico, e de um político eminente, que, do berço humilde, em Diamantina, ao túmulo da cidade por ele fundada, transcendendo o julgamento dos homens, trabalhou intensamente, visando o bem de nossa pátria, preferindo olhar o Brasil na dimensão de seu futuro, preparando-o em tempo para o dia de amanhã. Quando o eminente brasileiro faleceu tragicamente a 22 de agosto de 1976, em sessão solene da Congregação da Faculdade de Medicina, realizada a 27 de agosto do mesmo ano, pronunciei, no expediente, algumas

palavras, associando-me, comovido, às homenagens póstumas que toda a Nação vinha lhe prestando. E agora, dizia eu, quando já se foi o nosso pranteado colega à serenidade dos prêmios eternos, daqui o contemplamos nas alturas a que se remontou para integrar na bem-aventurança o grande e belo ideal de sua vida. Que os moços o tomem como exemplo. Trabalho, tolerância e equanimidade faziam parte desta personalidade singular. Nos anais da história brasileira ficará para sempre, em alto relevo, a figura do médico Juscelino Kubitschek de Oliveira, cidadão do mundo, uma das glórias de nossa terra.

Ao término desta minha crônica, devo afirmar que vejo grandes semelhanças entre Juscelino e o nosso atual governador Geraldo Alckmin. Médicos, ambos exerceram a profissão; tornaram-se prefeitos, deputados, governadores e depois, a presidência da República. Oxalá aconteça este último episódio na bela e fecunda vida médica e política de nosso honrado governador, homem de elevadas virtudes, de moral ilibada, e com uma filosofia de vida baseada na equanimidade e na justiça. Ele bem merece da nação. Por onde passou vem deixando as marcas indelévels de sua vigorosa personalidade, na nobreza de seu caráter e dignidade de suas atitudes.

Carlos da Silva Lacaz, professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. É presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

**Leia:**

**Rito de Colação de Grau**

Hudson Hubner França  
Página 2

**O desejado e indispensável hospital italiano**

Vicente Amato Neto  
Página 2

**A Medicina, os Médicos e a Crítica**

Gladstone F. Machado  
Página 3



## artigo

# Rito de Colação de Grau

Hudson Hubner França

Na Idade Média, época em que foram criadas as Universidades, as procissões eram acontecimentos comuns nos centros urbanos.

Frequêntes, tinham papel proeminente nas ocasiões festivas ou expiratórias.

As procissões aconteciam nos dias destinados às grandes celebrações: um feito de guerra, o louvor ao santo padroeiro, como prece coletiva para se evitar a peste ou outras calamidades; como homenagem a um grande dignitário.

O povo, os governantes, as figuras importantes desfiliavam pelas ruas da cidade, ordenadamente, em alas. Era a ocasião em que as pessoas ilustres se mostravam à população com suas roupas mais vistosas e, nesse cortejo, eram levadas e mostradas ao povo as insígnias e relíquias, em meio a bandeiras e estandartes que se relacionavam com a comemoração.

A colação de grau é um momento importante na vida acadêmica. Por isso, nada mais justo que se inicie e termine a sua cerimônia com uma procissão, reproduzindo, assim, uma tradição de 800 anos.

Esta reunião da Congregação de Professores da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, que é pública e festiva, foi convocada, explicitamente, para conferir o grau de médico aos alunos que concluíram o curso de medicina.

A colação de grau, regimentalmente, pode ser feita na secretaria da Faculdade, com a presença do formador, seu Diretor e certo número de

professores.

Por que, então, esta reunião pública, festiva, revestida de pompa e cerimônia?

Isto porque a cerimônia, o ritual, tem a função antropológica de marcar os acontecimentos notáveis.

Por isso, nos tempos antigos, todo fato significante era celebrado com ritual; assim, a sementeira do campo e a colheita eram comemoradas com grandes festas, repletas de significado.

Nos tempos modernos, os rituais foram deixados de lado e o seu significado, aos poucos, se perdeu.

Mas, é preciso que alguns rituais existam; é preciso que haja a cerimônia para que o homem identifique, na sua vida, aquilo que, realmente, tem valor.

Ser médico não é possível a muitos.

Ser médico é um privilégio de poucos.

Primeiro, há o chamado, a vocação. Depois, é necessário possuir o dom. Em seguida, é preciso ter condições intelectuais e financeiras para enfrentar um curso difícil, longo e caro.

É preciso disposição para suportar longas horas de estudo, dias e noites de trabalho e treinamento; é preciso estar disposto a conviver com o cansaço, o sofrimento e a morte.

Por isso, receber o diploma de médico é um fato de enorme significância para todos nós e merece ser marcado por uma cerimônia, por rituais.

A colação de grau é um rito de passagem, um rito de iniciação.

É o momento em que o iniciado deixa o mundo velho para entrar em outro, totalmente novo. Deixa o universo em que era tutelado e penetra em outro, diferente, repleto de surpresas, expectativas, decisões, pelas quais é totalmente responsável a partir de agora.

Neste momento, é preciso alguém mais velho, mais experiente, para recebê-lo, para conduzi-lo nesta passagem, para introduzi-lo neste mundo diverso e apor a chancela que declara estar ele apto para as novas funções.

Para isso é que estamos aqui, nesta solenidade pública, festiva, repleta de significados.

Colar grau significa conceder a alguém um título acadêmico. Nesta cerimônia, será concedido o grau de médico aos que concluíram o curso, re-  
vivendo tradições de 9 séculos.

As universidades nasceram na Idade Média, particularmente nos séculos XII e XIII.

Nessa época, as universidades eram ligadas intimamente à igreja. De um modo ou de outro, seus professores, alunos e funcionários estavam relacionados com a igreja e, em geral, usavam o vestuário próprio dos clérigos. O vestuário que nós usamos hoje, lembra o daquele tempo.

A beca, traje habitual nas colações de grau, é uma reprodução da roupa clerical

daquela época: túnica longa, preta, hábito talar usado, comumente, nas primeiras universidades.

O capelo capa curta, provida de capuz, jogado sobre os ombros, fazia parte do vestuário dos doutores da universidade medieval.

Por analogia, é usado, hoje, pelos professores universitário, em certos atos e funções acadêmicos.

Fazem parte do cerimonial da colação de grau, algumas insígnias que são repletas de simbolismo.

Além do juramento coletivo, cada formando, presta juramento individual frente ao Diretor da Faculdade.

Com a mão direita sobre a Bíblia, promete exercer a profissão de acordo com os padrões éticos e científicos exigidos. O Diretor da Faculdade coloca, então, sobre sua cabeça o barrete doutoral - a borla - e confere-lhe o grau de médico.

A Bíblia, o livro sagrado das civilizações cristãs, é usada, em nosso meio, como depositária desse juramento.

Fora isso, como livro, a Bíblia tem outro significado nesta solenidade. Fechado, o livro simboliza a ciência, o conhecimento que o médico deve ter; aberto, mostra a sua disponibilidade para ensinar e aconselhar a todos que eles precisarem.

A borla é barrete do qual pendem fios e cordões de seda, lã, ouro ou prata. É colocada na cabeça do doutorando enquanto pronuncia seu juramento e recebe o grau de médico.

A borla é o símbolo da dignidade, da distinção, do doutoramento.

O anel simboliza o compromisso

do homem com sua profissão; é o sinal da fidelidade ao juramento proferido, de uma ligação profunda e permanente que torna inseparável a pessoa da profissão que escolheu.

O verde é a cor distintiva da medicina. A esmeralda é a pedra símbolo da profissão. Nos tempos medievais, a esmeralda era vista como tendo poderes benéficos de cura, de clarividência, de fertilidade e imortalidade.

A esmeralda é a uma expressão da renovação periódica da natureza; é símbolo da primavera, da evolução e da vida.

Os médicos, em geral, mesmo que não tenham o grau acadêmico de doutor, são tratados como tal. Esse tratamento é concedido, também, aos advogados, magistrados e teólogos.

Isso tem uma explicação, uma motivação histórica.

A palavra "doutor" significa "aquele que ensina" - Provém do verbo latino "docere", que quer dizer ensinar (a mesma raiz de docente).

O médico é tratado por doutor porque, sua função primeira, principal, não é curar doenças mas, sim, ensinar à comunidade o que fazer para evitá-las; seu papel mais importante é ensinar hábitos higiênicos e comportamento saudável com a finalidade de preservar a saúde. É a função de professor, de ensinar, inerente à profissão médica.

Daí, os médicos serem chamados de doutores.

Hudson Hubner França, Professor de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas - Sorocaba.

**Colar grau significa conceder um título acadêmico**

## O desejado e indispensável hospital italiano

Vicente Amato Neto

Alemães, japoneses, judeus e portugueses, com seus descendentes, tiveram sucesso ao implantar hospitais em São Paulo, mantendo vínculos com as respectivas origens. Apenas citei alguns exemplos mais proeminentes, pois outras iniciativas congêneres também propiciaram êxitos.

Quanto aos italianos ou pessoas deles derivadas a situação é bem diversa, desproporcional e motivadoras de desencanto, atualmente. Eles, de maneira aguerrida e elogiável, agiram de forma pioneira no passado e consolidaram o Hospital Umberto I, que recebeu diferentes designações. Médicos muito competentes exerceram atividades nessa instituição e colaboraram no sentido

de impulsionar o desenvolvimento da Medicina no Brasil, não só sob o aspecto assistencial como ainda a propósito do ensino e da investigação científica. Paulatinamente, porém, tal núcleo evoluiu para desativação, causada pela influência de vários fatores, em geral injustificáveis e devido à ação de pessoas incapazes, egostas, personalistas ou comodistas.

Num certo momento, liderei providências talvez aptas a fazer renascer o hospital, sempre mantendo conotação com a italianidade. Era necessário recuperar estrutura antes bastante prestígio, levando em conta até emoção, romantismo, respeito aos fundadores, tributo àqueles que concederam prestígio ao órgão, exaltação da garra da gente peninsular e vontade de apoiar pessoas carentes, especialmente liga-

das à colônia. Houve boa receptividade por parte de diversas entidades acopladas a programa visando adequação reativação. Como Secretário de Estado da Saúde considerei as iniciativas bem justificadas e apoiáveis. Contudo, decepções emergiram: a corrupção era plena no âmbito da instituição, onde vigoravam interesses político-partidários totalmente indesejáveis; a Fundação acoplada contava com membros quase nada atuantes; determinadas Sociedades que prometeram ajudar revelaram ímpetos exclusivamente materialistas, maculando o projeto efetuado. O Governo do Estado, sob minha influência, preparou plano reabilitador, inclusive com previsão de ajuda financeira.

Nesse contexto, fui demitido do cargo de Secretário por não me submeter a politicagens, por identificar berrantes ir-

regularidades e por ver-me envolvido em ambiente pleno de impropriedades. Pouco após, o substituto interdito o hospital alegando más condições sanitárias. Matou definitivamente o Hospital Umberto I, demonstrando desleixo, maldade e frieza.

Um dos desígnios da Sociedade Médica Ítalo-Brasileira, da qual participei na criação, tinha nexos com a concretização de nosocômio específico. No entanto, a Diretoria atual só cuida de miudezas e chegou a influir no arrefecimento do ímpeto de grupo desejoso de originar o hospital "Leonardo da Vinci".

Outra circunstância requer citação, uma vez que alicerça decepções e contrariedades: o Consulado configura mera repartição pública ou Cartório, sem propugnar por pro-

gressistas iniciativas elogiáveis, em especial com repercussões perceptíveis cultural e socialmente.

Impõe-se agora meditar e criar ânimo para mudar o panorama vigente, inaceitável. É imperiosa a existência de hospital italiano em São Paulo. Criatividade, motivação e iniciativa devem ocorrer, com presteza. Convém deixar de lado desânimo que nada constrói, fazer prevalecer o desejo de vitória, agir briosamente e contar com a cooperação de empresários vitoriosos.

Italianos e correligionários: demonstrem vigor e pujança para que seja iniciada obra significativa sob os pontos de vista médico-assistencial e social, envolvendo sadio patriotismo.

Vicente Amato Neto é Professor de Medicina.



## artigo

# A Medicina, os Médicos e a Crítica

Gladstone F. Machado

Nos primórdios da Medicina, quando ela se associava a práticas religiosas, místicas e sobrenaturais, o agente que prestava tais serviços estava a salvo de críticas. Ele representava todo o Poder, suas decisões eram indiscutíveis, seus atos envoltos em mistérios e superstições, incompreensíveis ao homem comum e sofredor.

Foi assim nas sociedades primitivas, persistindo na atualidade em algumas tribos indígenas, onde o Pajé faz o papel de médico e sacerdote e, em certas tribos africanas, com o Feiticeiro, uma figura de real importância, tendo funções semelhantes.

Com o advento da prática médica racional, após Hipócrates, que influenciou o mundo ocidental, o médico, embora ainda envolto de muita autoridade, já era passível de crítica, algumas vezes sofrendo castigos e até sendo condenado, em casos de insucesso. Recorde-se que em algumas regiões da China antiga, o médico tinha seu nome inscrito na lápide do cliente morto, que ele tratara. É atribuído a Plínio, o Moço, já moribundo, o epitáfio "os muitos médicos me mataram".

A Medicina atravessou toda a Idade Média sob a influência das idéias de Galeno (que há muito sabemos errôneas) e os médicos acertavam pouco, sua arte era cheia de misticismos, sem nenhuma base científica. Conseguiram quando

muito dar alívio aos pacientes, raramente curando as doenças. Os procedimentos cirúrgicos constituíam uma tragédia, com índices alarmantes de morbidade e de mortalidade, situação que perdurou até meados do século XIX, quando surgiram a anestesia, a assepsia e o melhor controle clínico do paciente, na atualidade.

Já na Renascença escritores importantes guerreavam com os pobres médicos da época. Dante, além de satirizar seus contemporâneos, colocou Hipócrates, Galeno e Avicena no inferno. Séculos depois, Montaigne, Molière e Rabelais, este médico, os dois primeiros reconhecidamente hipocondríacos, fizeram críticas contundentes aos médicos e à medicina, deixando obras célebres, ainda hoje representadas (Médico à Força, o Doente Imaginário, de Molière). Rabelais exagerava, dizendo ser a "Medicina uma farsa com três personagens, a Doença, o Doente e o Médico." Anatole France (1844-1924) foi um crítico severo dos médicos em seu tempo.

Mais recentemente tivemos, entre tantos outros, George Bernard Shaw (1856-1950), o notável dramaturgo irlandês, que foi um deturpador da medicina e dos médicos, movendo uma campanha sem tré-

guas contra o uso da vacina, no início do século passado. Também criticava e ironizava os Especialistas. Causa espécie um homem do seu talento incorrer em erro tão grosseiro, de vez que a vacinação obrigatória se constituiu na grande arma de prevenção para muitas doenças infecciosas, algumas delas que causaram epidemias terríveis. Aliás, a mesma posição teve Rui Barbosa, combatendo Osvaldo Cruz no Rio de Janeiro, quando foi instituída a vacinação obrigatória contra a varíola, por volta de 1903, quando o grande Sanitari-

na, já tendo combatido a Peste e a Febre amarela, se afirmava com sua Equipe no recém-criado Instituto de Manguinhos.

Na atualidade, os médicos perderam muito daquele status que gozavam até algumas décadas atrás, quando ainda havia um fascínio, um respeito para quem exercia tão nobre missão. Hoje, com todo o avanço tecnológico a serviço do diagnóstico e com as enormes possibilidades que a Cirurgia e outras terapêuticas oferecem, o médico perdeu muito de sua individualidade, passando a ser um agente intermediário. Os aparelhos têm a primazia, mas não devemos nos esquecer de quem interpreta seus exames. Mesmo o Cirurgião, que era uma vedete até 30 anos atrás,

um pequeno ditador em sua área, divide hoje sua importância com a Equipe, dissolvendo-se muito de seu prestígio, embora ainda se encontrem figuras carismáticas, dotadas de personalidades marcantes.

Observamos nos dias atuais que a Classe Médica perdeu quase completamente a condição social, econômica e intelectual que sempre desfrutara.

Em verdade, as coisas mudaram, todo um complexo social modificou-se e a Doença foi empresariada, os médicos ficando como empregados mal remunerados desse sistema. Noutra face está a medicina pública, deficiente em sua estrutura assistencial, também mal remunerada. E toda essa condição estende-se às Universidades e Faculdades, com graves prejuízos para o ensino e a pesquisa. Nos grandes centros, a medicina dita liberal, particular, não chega a 5%, sendo cada dia maior o número de médicos que fecham seus consultórios.

A crítica tornou-se mais frequente e o médico é apontado como responsável único. São eles, com seus vários empregos e subempregos que nos Pronto Socorros públicos trabalham em condições precaríssimas, expondo-se da maneira a mais vulnerável. Muitas vezes são vítimas de delegados truculentos, de bandidos e familiares de pacientes. Em muitos Hospitais, um profissional chega a atender 30 a 40

consultas por período.

Em alguns casos, a evolução desfavorável do paciente, por intercorrências preexistentes, insuficiência de meios e aparelhagem, a falta crônica de vagas hospitalares, tudo isso é rotulado, sem melhor julgamento, de erro médico. Não defendemos erro médico, notadamente quando atribuído à imperícia, imprudência ou negligência. Pela própria natureza da Medicina, o profissional não deve incorrer nessas situações, procurando-se manter sempre atualizado e com postura responsável.

Então a crítica, que era literária, tornou-se agora pública, policial, folhetinesca, eivada muitas vezes de sensacionalismo. E, desde algum tempo, faz-se pressão constante para impor o Seguro contra o erro médico, sendo o interesse primordial das Seguradoras. Grupos inescrupulosos, com indivíduos trêfegos e ambiciosos, organizam-se, numa verdadeira indústria, visando o médico, atribuindo-lhe faltas inverídicas, expondo-o a situações vexatórias, onde quase sempre nada fica provado contra ele, mas igualmente nada reembolsa os danos morais e gastos dos processos judiciais.

Gladstone F. Machado é especialista em Cirurgia Torácica pela AMB e pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Torácica. É membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

## poemas

## O Entardecer

Paulo Fraletti

À Maria Helena, Guaciara e Michele

Cai mansa a tarde, bem devagarinho...  
Surgem os pássaros retardatários  
A procura de um galho ou de seu ninho,  
Bem-te-vis, andorinhas e canários...

Avança mais o dia, e já crepúsculo.  
Surge de vez enquanto um vaga-lume.  
No céu a lua, e longe, astro minúsculo.  
No chão cricrila um grilo o seu queixume.

Depois, já plena noite, antes do sono,  
Vejo o mundo lá fora e a natureza  
Repletos de esplendor e de beleza!

Verão... Caminha o tempo para o outono-  
Símbolo vivo da germinação  
E o amor dos homens - a reprodução.

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:**

Guido Arturo Palomba

**Diretor Adjunto:**

Sérgio Pereira da Cunha

**Conselho Cultural:**

Duilio Crispim Farina

(presidente)

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

**Cinemateca:**

Wimer Botura Júnior

**Pinacoteca:**

Aldir Mendes de Souza

**Museu da História da Medicina**

Jorge Michalany



## artigo

# Nações, Vernáculos e Publicações Médicas

Helio Begliomini

O mundo atual tende a ser mesmo uma aldeia global, ainda que com significativas diferenças culturais, econômicas, técnicas e científicas que se observam nas diversas tribos representadas pelos países que compõem o planeta azul.

Um dos denominadores comuns, ao menos na maior parte das nações do ocidente, tem sido a liderança da língua inglesa como elemento de comunicação. Exemplos disso, observam-se notoriamente nas transações comerciais, nos congressos internacionais e interprofissionais, assim como na farta literatura técnica que envolve os mais variados segmentos universitários.

Se a língua inglesa tem-se firmado nas elites, ela ainda está muito longe de conquistar o cidadão comum para não falar do pacato e nativo campesino.

Não há dúvidas de que o vernáculo de qualquer nação representa sua história..., seu passado..., sua tradição..., seus feitos..., suas glórias..., a própria identidade de seu povo. Se, na atualidade, aceitar o domínio de um idioma estrangeiro aquém-fronteiras não se compara explicitamente a uma escravidão econômico-cultural de outra ra, pode-se, no mínimo, igualá-lo a uma invasão de privacidade ou, a uma submissão subliminar à economia, tecnologia e ideologia dominantes.

Na medicina é fato notório que as revistas publicadas em inglês são as mais conceituadas, embora nem sempre as mais lidas pela grande popula-

ção médica das diversas nações cujo idioma não seja o inglês.

Até que ponto a língua inglesa tem se consolidado nas publicações nacionais e internacionais?

Uma pesquisa bibliográfica no Medline de 1990 a 2000 envolvendo revistas correlatas apenas à área de urologia e publicadas em inglês nos países cujas línguas oficiais não fossem desse vernáculo, identificou 26 periódicos, a saber: Da Alemanha: *Andrologica, Infection, Methods of Information in Medicine, Urological Research, World Journal of Urology*; da Bélgica: *Acta Urologica Belgica*; da França: *Annales d'Urologie e Journal de Radiologie*; da Holanda: *Archives of Physiology and Biochemistry*; da Hungria: *International Urology and Nephrology*; da Índia: *The Journal of the Association of Physician of India e Journal of the Indian Medical Association*; da Itália: *Journal of Chemotherapy e Journal of Endocrinological Investigation*; do Japão: *Hippon Hinyokika Gakkai Zasshi e International Journal of Urology*; do Líbano: *Journal Medical Libanese*; da Nigéria: *West African Journal of Medicine*; da Noruega: *Scandinavian Journal of Primary Health Care*; do Paquistão: *Journal of the Pakistan Medical Association*; da República Tcheca: *Acta Medica*; de Singapura: *Annal Academy of Medicine Singapore*; da Suécia: *Scandinavian Journal of Urology and Nephrology* e da Suíça: *American Journal of Nephrology, European Urology e Urologia*

*Internationalis*.

De 1990 a 2000 foram identificadas no Medline concernentes ao Brasil, três revistas publicadas somente em inglês (*Brazilian Dental Journal, Brazilian Journal of Medical and Biological Research e São Paulo Medical Journal*) e outras doze publicadas conjuntamente em português e inglês, a saber: *Anais da Academia Brasileira de Ciência, Arquivos Brasileiros de Cardiologia, Arquivos de Gastroenterologia, Arquivos de Neuropsiquiatria, Cadernos de Saúde Pública, Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Revista da Associação Médica Brasileira, Revista Brasileira de Biologia, Revista do Hospital das Clínicas, Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, Revista de Saúde Pública e Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*.

Da mesma forma, foram identificadas no Medline de 1990 e 2000, doze revistas publicadas simultaneamente em outras línguas, além do próprio idioma do país onde são editadas. Da Alemanha: *Archives of Gynecology and Obstetrics* (alemão e francês), *Arzneimittelforschung* (alemão, espanhol, inglês e italiano) e *Klinische Monatsblätter für Augenheilkunde* (alemão e francês); da Espanha: *Archivos Espanoles de Urología* (espanhol e inglês); da França: *Journal of Neuroradiology* (francês, inglês e italiano) e *Phlebologie* (francês e alemão); da Holanda: *Clio Medica* (francês e alemão); da Itália: *Giornale di Chirurgia* (italiano e francês), *Pathologia* (italia-

no e francês) e *Radiologica Medica* (italiano e francês); do Japão: *Nippon Hoigaku Zasshi* (japonês e alemão) e *Sangyo Ika Daigaku Zasshi* (japonês e alemão).

Curiosamente, no mesmo período de 10 anos, foram identificadas no Medline seis revistas publicadas em outros idiomas, em cujos países a língua oficial seja o inglês, a saber: Estados Unidos da América: *Canadian Journal of Applied Physiology* (francês); do Reino Unido: *Child Abuse and Neglect* (espanhol), *Physics in Medicine and Biology* (francês), *Social Science and Medicine* (francês), *Toxicon* (espanhol) e *Tropical Medicine and International Health* (francês).

Como se pode observar, embora exista uma tendência crescente de maior utilização em publicações científicas na área médica do idioma inglês, ainda haverá muito tempo para a abrangência total. Há revistas que apesar da publicação em idiomas diversos aos dos países de publicação, conservam os respectivos nomes no próprio vernáculo. Outras, publicam as matérias simultaneamente em inglês e no próprio vernáculo.

Ademais, o levantamento ora apresentado restringiu-se apenas ao Medline que é um dos mais rígidos catálogos de publicações médicas. Há uma infinidade de revistas na área médica, que por não terem abrangência e divulgação mundiais, são editadas em seus

próprios vernáculos.

A cultura, o patriotismo, o nacionalismo, o poder de submissão são alguns dos fatores que interferem na compreensão dos povos e na livre comunicação de pessoas, mesmo de níveis universitários.

A adoção de um idioma universal, único e apátrida seria a solução sensata e o ponto de equilíbrio, pois exigiria sacrifícios e boa vontade, indistintamente de todas as nações. Infelizmente, essa idéia plantada há cerca de cinquenta anos atrás através do Esperanto ainda não vingou. Quicquid demane décadas..., séculos..., milênios..., ou jamais seja aceita pelos caciques das diferentes tribos de nossa aldeia global.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEGLIOMINI H. Considerações sobre o Brazilian Journal of Urology (não publicado).

2. ESCANDÓN MAS, GUITIÁN COFERNANDES MMG. ¿ Que idioma hablará. Medinen el proximo milenio Arch Esp Urol. 53 : 93-99, 2000.

(\*) Agradecimentos: agradeço a farmacêutica Silmara Fernandes L. pachinske pela colaboração no levantamento dos dados bibliográficos apresentados neste artigo.

Helio Begliomini é assistente de Serviço de Urologia do HSPM FMO. Pós graduado em UNIFESP. É membro da Academia Cristã de Letras

## poesias

### Nirvana

Ivana Maria França de Negri

Parto de mim  
Flutuo no azul  
Olvido o corpo

Crio asas  
Abro sulcos nas nuvens  
Levito pelo infinito

Rompo barreiras  
Vestida de sol  
Banhada de lua

Etérea e envolta em luzes  
Adentro pórticos  
Singro mares

Entre arrebois e ocasos  
Trilho a Terra Prometida  
Comungo a hóstia sagrada

Encontro a paz  
Santa e profunda  
Em êxtase sublime

E tenho a certeza  
De que há muito mais  
Além desta vida

### Evohe

Péricles Rocha

De Edson a Pelé sem enganos  
Digo bem alto e creio  
Lá se vão os sessenta anos  
E o amor da pátria de permeio

De futebol um az do mundo  
De gols até um mil,  
Esporte é um estufar profundo,  
A cobrir de glórias o Brasil.

Edson Arantes do Nascimento  
Dos pés evoluiu a bola.  
Do país maior acontecimento,  
Que o universo todo empola...

Eis nossa terra e nossa gente,  
Sim nossa pátria bem amada.  
Do gênio a pura semente  
Em coro assim bem afamada.